

2019

Nº 2

MASF JOURNAL

QUESTÕES DE ARTE SACRA

MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL

ARTIGOS CIENTÍFICOS
AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2018



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

MASF JOURNAL

SUBTÍTULO

Questões de Arte Sacra

COORDENAÇÃO

João Henrique Silva
Carolina Rodrigues Ferreira
Elisa Vasconcelos Freitas
Martinho P. Mendes

EDITORES

Carolina Rodrigues Ferreira
Elisa Vasconcelos Freitas

EDIÇÃO GRÁFICA

Ana Antunes

EDIÇÃO

Museu de Arte Sacra do Funchal

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Teresa Correia

COMISSÃO CIENTÍFICA

António Candeias
Fernando António Baptista Pereira
Helena Rebelo
Isabel Santa Clara
João Alves da Cunha
Maria Isabel Roque
Mercês Lorena
Nuno Saldanha

LOCAL DE EDIÇÃO

Funchal

ANO

2019

NÚMERO

02

PERIODICIDADE

Anual

ISSN

2184-2272

IMAGEM DE CAPA

Pia baptismal da Igreja do Imaculado Coração de Maria (Funchal), da autoria de Chorão Ramalho.

© Arquivo MASF

ÍNDICE

Prólogo / Prologue	05
Introdução / Introduction	07
ENTREVISTA / INTERVIEW — Victor Mestre	11
CONFERÊNCIA DE ABERTURA / KEYNOTE SPEAKER LECTURE	
José Tolentino Mendonça	
<i>Arte, mediação e símbolo: O sentido que vem</i>	
<i>Art, mediation and symbol: The sense that comes</i>	21
ARTIGOS — CONFERENCISTAS / CONFERENCE PAPERS	
Joaquim Félix de Carvalho	
<i>Arte litúrgica com amor: Criações das novas capelas de Braga</i>	
<i>Liturgical art with love: The creation of the new chapels in Braga</i>	41
João Pedro Gaspar Alves da Cunha	
<i>Arquitetura religiosa em Portugal: Séculos XX e XXI</i>	
<i>Religious architecture in Portugal: in the 20th and 21st centuries</i>	117
Joaquim Ganhão; Eva Neves	
<i>Museu Diocesano de Santarém: A face visível de um alargado projeto de salvaguarda e valorização do património cultural da Diocese</i>	
<i>The Diocesan Museum of Santarém: The visible face of a broader project for safeguarding and valuing the Diocese's cultural heritage</i>	141
João Norton de Matos	
<i>A crise moderna da arte sacra e as mediações do sagrado na arte</i>	
<i>The modern crisis of art and the mediations of the sacred in art</i>	163
Maria Isabel Roque	
<i>A arte sacra: Museus e exposições numa sociedade secularizada</i>	
<i>Sacred art: Museum and exhibitions in a secularized society</i>	179
Nuno Saldanha	
<i>Arte sacra, culto, cultura e património</i>	
<i>Sacred art, cult, culture and heritage</i>	201
Luís Martinho Urbano	
<i>Um espaço da cidade que pudesse servir para a comunhão entre os habitantes</i>	
<i>A place of the city that could serve for the communion between the inhabitants</i>	211
FOTORREPORTAGEM / PHOTO REPORTAGE — As Conferências do Museu 2018	231

A CRISE MODERNA DA ARTE SACRA E AS MEDIAÇÕES DO SAGRADO NA ARTE

THE MODERN CRISIS OF ART AND THE
MEDIATIONS OF THE SACRED IN THE ART



João Norton de Matos

jnortonsj@gmail.com

Centro Brotéria, UCP

NOTA BIOGRÁFICA

Pe. João Norton de Matos, SJ, nascido em Lisboa, licenciou-se na Faculdade de arquitetura da UTL e entrou na Companhia de Jesus em 1990. Depois dos estudos em filosofia e teologia, em Braga, Madrid e Paris, fez um DEA em Estética e Filosofia da Arte na Universidade de Lovaina. Após seis anos de trabalho pastoral fez o doutoramento em Teologia da Cultura no Centro Sèvres, Faculdades Jesuítas de Paris. Integra a equipa do futuro Centro Cultural Brotéria, em Lisboa. As encruzilhadas entre artes e espiritualidade, religião e cultural, constituem os seus centros de interesse pastoral e académico.

RESUMO

A problemática das artes e da arquitetura na mediação do sagrado conhece uma significativa querela nos anos 1950-1951, em França, quando pela primeira vez a arte moderna entra nas igrejas. A querela é reveladora de uma crise latente na arte sacra cristã, que ainda perdura, quando se passa do contexto de uma cultura unificada em torno da religião cristã para o contexto de uma cultura secularizada e plural. Pode a arte sacra cumprir plenamente a sua função religiosa à margem das correntes artísticas mais criativas do seu tempo? O recurso à reflexão dos diretores da revista francesa *L'Art Sacré* e do teólogo germano-americano Paul Tillich ajuda-nos a conceber uma dimensão religiosa da arte profana, dita independente, e uma dimensão sacramental reveladora da vitalidade de uma comunidade cristã em diálogo com a aventura espiritual do seu tempo.

PALAVRAS-CHAVES

Crise; Modernidade; Arte Sacra; Arte Independente; Couturier; Paul Tillich.

ABSTRACT

The problematic of arts and architecture in the mediation of the sacred knows a significant quarrel in France, in the years 1950-1951 when, for the first time, modern art enters into the churches. The quarrel reveals a latent and persisting crisis in Christian sacred art, when one moves from the context of a culture unified by Christian religion to the context of a secularized and pluralistic culture. Can sacred art fulfill its religious function on the margins of the most creative artistic currents of its own time? The reflection of the directors of the French magazine *L'Art Sacré* and the German-American theologian Paul Tillich helps us to conceive a religious dimension and a sacramental dimension of the profane art, revealing the vitality of a Christian community in dialogue with the spiritual adventure of his time.

KEYWORDS

Crisis; Modernity; Sacred Art; Independent Art; Couturier; Paul Tillich.

A HISTORICIDADE DA RELAÇÃO ENTRE A ARTE E O SAGRADO

O presente artigo resulta de uma intervenção nas Conferências do Museu de Arte Sacra do Funchal, 2018. A nossa intenção principal é problematizar a questão da arte sacra numa perspetiva contemporânea. Para isso recuamos a meados do século XX quando, pela primeira vez, diversas encomendas de obras modernas para igrejas acenderam uma viva querela. Será que o conceito de arte sacra tal como o entendemos tradicionalmente continua vivo? Isto é, será que uma arte sacra necessariamente dependente do realismo figurativo, da função catequética e de símbolos cristãos tradicionais continua a falar ao homem contemporâneo? Ou será que as condições de uma sociedade secularizada e plural alteraram os dados da relação entre as artes e o sagrado? Neste texto propomos alguns elementos históricos e teóricos pertinentes para a clarificação desta problemática. Fazemo-lo a partir dos escritos de três autores que trataram especificamente esta questão na primeira metade do século XX e das obras que eles próprios impulsionaram ou lhes serviram de referência.

A CRISE MODERNA DA ARTE SACRA

O facto da abertura da Igreja à arte do seu tempo ter gerado, em meados do século XX, uma discussão acesa, é revelador de uma “crise” mais profunda que ainda nos afeta hoje. Os padres dominicanos diretores da revista *L'Art Sacré*, M.-A. Couturier e P.-R. Régamey mediarão convites a artistas como Matisse, Miró, Bonnard, Braque, Fernand Léger e Germaine Richier, entre muitos outros, e ao arquiteto Le Corbusier, para construir e intervir em várias igrejas. O convite destes artistas de grande qualidade, ditos “independentes” e tidos ou assumidos como

não crentes, foi demoradamente ponderado pelos dominicanos. As obras realizadas foram bem-sucedidas e bem aceites pelas comunidades a que se destinavam, outros num entanto consideraram a linguagem da arte moderna incompatível com a arte de Igreja. O fenómeno, pela originalidade das obras e o inédito do debate, acabou por ter uma ressonância internacional, envolver os bispos franceses (Comissão Episcopal Francesa, 1952) e dar lugar a uma Instrução do Santo Ofício (1952). Citando uma alocução recente de Pio XII aos artistas, esta instrução assume em termos gerais um dos traços mais importantes da arte de todos os tempos: “a função de toda a arte é de romper o círculo estreito e angustiante do finito no qual o homem se encontra fechado (...) e abrir uma janela ao seu espírito que aspira ao infinito” (Pio XII, 1952), função que não exclui nenhum estilo artístico em particular.

A primeira igreja a reunir um conjunto importante de obras modernas, *Notre Dame de Toute Grâce*, em Assy, representa um grito, uma urgência vital de expressão do sagrado numa linguagem artística contemporânea. Uma certa estridência desse grito é sintomática da “crise” mais vasta que levanta o problema da relação entre a religião e a cultura no contexto das sociedades ocidentais, secularizadas e plurais.

O facto mais imediato, quase empírico, constatado pelos padres dominicanos diretores da revista *L'Art Sacré*, Couturier, ele próprio artista, e Régamey, historiador de arte, foi o contraste qualitativo entre a arte com fins devocionais, cultuais e de decoração das igrejas e a chamada arte independente nos inícios do século XX (Imagem 1 e 3). O trabalho das confrarias de artistas cristãos e *ateliers* de arte sacra estava enredado em academismos e formalismos, repetindo modelos rafaelitas e tridentinos, ao mesmo tempo que a arte independente da escola de Paris, estava cheia de vitalidade, liberdade, criatividade e alegria. O facto dá que pensar, afinidade e contraste com a arte mediável, período de plena vitalidade da arte sacra, também (Imagens 1, 2 e 3). Estes qualificativos não se referem apenas à dinâmica do desenvolvimento da vida, podem também ser compreendidos, do ponto de vista cristão, como dons e frutos do Espírito Santo. A presença do Espírito no mundo, e em particular nas obras do espírito e da cultura, não é sem ambiguidades, mas interpelou os padres dominicanos a levar a sério este tipo de afinidades e a exercer um discernimento possível da dimensão religiosa de obras de arte profana e da sua adequação ao espaço das igrejas.



Imagem 1_ Imagem devocional do sagrado coração de Jesus; *L'Art Sacré*, 5-6 (1951) 17.



Imagem 2_ Cristo medieval, *L'Art Sacré* / Jahan



Imagem 3_ Estudo de rosto, Picasso, 1907; <https://bit.ly/2DHVhy7>

No fundo trata-se de compreender a noção de “arte sacra” no contexto de grandes transformações culturais. Por um lado, a “arte sacra” é um domínio do campo artístico que se refere imediatamente ao dogma, narrativa ou culto das religiões históricas. Para que seja arte, pois sem arte não há verdadeiramente arte sacra, ela tem de unir a arte e os símbolos religiosos de modo intrínseco e não apenas extrínseco e ilustrativo, de tal modo que a vitalidade da arte sacra acaba por ser testemunho da vitalidade da religião nas suas mediações culturais; a expressão

artística da atualidade do sagrado passa por uma arte viva e atual. Os padres dominicanos Couturier e Régamey perguntaram-se então por onde passa a atualidade do Espírito que dá vida quando a arte sacra decadente contrasta com uma arte profana cheia de vitalidade? Por não termos resolvido esta questão, por mais complexa que seja, confrontamo-nos na prática com alternativas problemáticas. Olhamos com legítima satisfação o nosso património artístico religioso, mas incorremos na tentação do historicismo nostálgico; recorremos a sucedâneos descontextualizados de arte bizantina ou a imagens piedosas à margem das correntes de criatividade que acompanham a aventura espiritual do nosso tempo. Afirmando teoricamente as qualidades espirituais da arte e a amizade entre a Igreja e os artistas, acabamos por preferir imagens duvidosas dos pontos de vista espiritual, religioso e artístico.

Ora, os artistas independentes convidados pelos padres dominicanos a trabalhar para a igreja foram de algum modo “convocados” no mesmo sentido em que a assembleia cristã é constitutivamente convocada a celebrar a fé, e responderam a esse convite não de ânimo leve, mas na sua condição de artistas com uma dedicação exemplar e com obras que acrescentam verdadeiramente à atmosfera espiritual das igrejas onde intervieram. Matisse dedicou quatro anos em exclusividade à capela de Vence (Imagens 4-6) e Lipchitz esculpiu dezenas de versões da imagem de Nossa Senhora que lhe foi encomendada (Imagem 7). Mesmo assim foram alvo de críticas diversas, algumas vítimas do preconceito e do desconhecimento das obras, outras que vale a pena avaliar.

P.R. Régamey (1952) sintetiza essas críticas na revista *L'Art Sacré* “Bilan d'une querelle”. Elas assinalam: (1) a incapacidade dos artistas não crentes de transmitir na arte a fé cristã; (2) a inadequação das novas linguagens artísticas, que distorcem a figura humana, para representar a figura de Cristo e a narrativa cristã; (3) acusam a Igreja de ceder a um vanguardismo modernista temerário em rutura com a tradição cristã; (4) e de ceder também à tendência em curso de secularização da cultura. Estas obras de arte seriam ultimamente fruto de um espírito contrário à religião cristã.

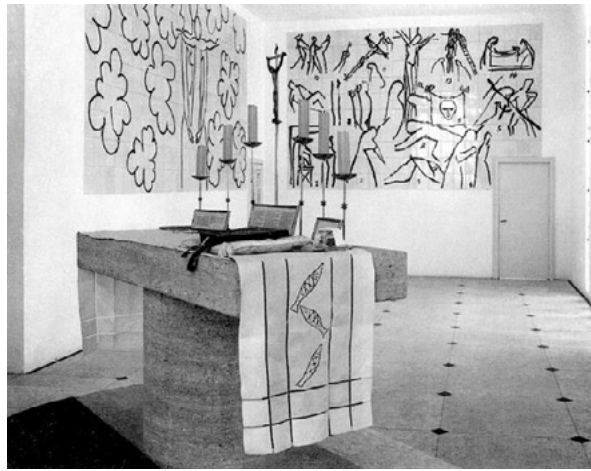


Imagem 4_ Capela do Rosário,
 Dominicanas de Vence, 1948-
 1951 ; © Hélène Adant / Centre
 Pompidou - Mnam - Bibliothèque
 Kandinsky

Imagem 5_ (Capela do Rosário)
 Interior;
 © Hélène Adant / Centre Pom-
 pidou - Mnam - Bibliothèque
 Kandinsky

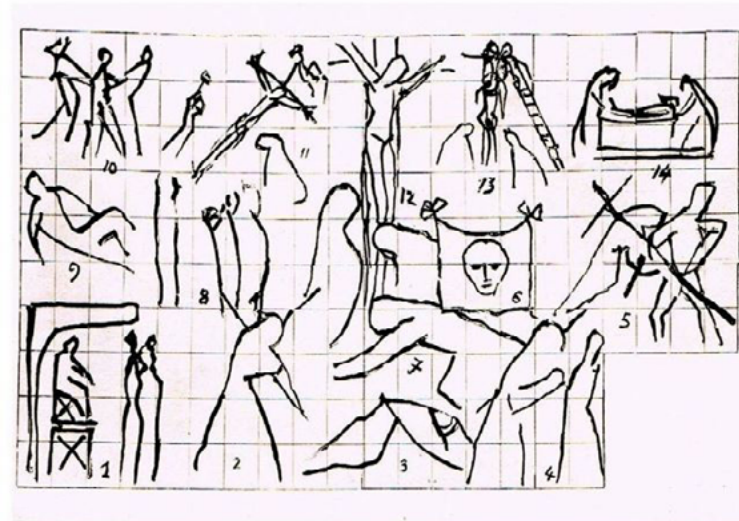


Imagem 6_ Via sacra de Henri
 Matisse na Capela das Domini-
 canas do Rosário, Vence ;
 © Hélène Adant / Centre Pom-
 pidou - Mnam - Bibliothèque
 Kandinsky

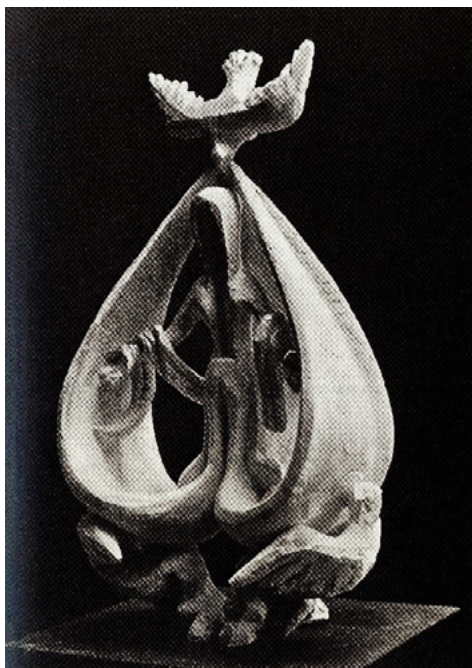


Imagem 7_ J. Lipchitz, Nossa Senho-
 ra do Júbilo, Igreja de Nossa Senho-
 ra de Todas as Graças, Plateau d'Assy,
 França; *L'Art Sacré* 1-2 (1949) capa
 / © SPADEM 1983

A ESPIRITUALIDADE DA ARTE INDEPENDENTE



Estas críticas apontam profundas transformações nas relações entre a religião e a cultura numa sociedade secularizada. As transformações assentam primeiramente na reivindicação de autonomia por parte das artes, relativamente a diversas formas sociais, ideológicas e institucionais. Também o fazem relativamente à Igreja, que foi grande mecenas no contexto de uma sociedade estruturada em torno da fé cristã, o que não é o caso da sociedade atual. Esta situação de aparente separação entre a fé e as artes é claramente problemática porque a arte sacra é por excelência uma arte participada, reunindo a comunidade em torno de símbolos religiosos partilhados. No entanto os nossos autores dominicanos reagem positivamente e consideram novas possibilidades de diálogo entre a fé e as artes.

Para Couturier (Couturier & Régamey, 1965, p. 336-346), a autonomia da arte consiste na libertação da imaginação e do espírito criador relativamente aos sistemas de representação e de controlo da racionalidade, e na tomada de consciência dos valores propriamente artísticos, poéticos, visuais e espirituais das artes.¹ A intuição sensível associada à liberdade de espírito e à necessidade de criação fazem da arte a expressão de uma “primitiva unidade do corpo e da alma”, de um “fundo obscuro do ser” e um momento da comunicação em profundidade entre os homens. A autenticidade artística e humana de muitas das obras em questão revela uma dimensão profunda da realidade e certas afinidades entre dimensões espirituais da arte e aspetos da espiritualidade cristã. Couturier chega a afirmar que “os grandes artistas têm uma predisposição natural para intuições espirituais, e (...) para os movimentos de um certo

¹ Cfr. Conferência de Couturier na Alliance Française de Nova Iorque (9.03.1942), com o título de “Abstraction et humanisme”, publicada por P.-R. Régamey (1965) com o título de “L’aventure de l’art moderne”.

Espírito «que sopra onde quer» (1981, p. 204). Couturier encomendou o sacrário da Igreja de Assy a George Braque, declinando este o convite por não ser cristão, Couturier responde-lhe que um simples peixe saído das suas mãos: A arte produz objetos muito belos, primeiro isso, mas se continuando a sê-lo podem tornar-se sinais de outras coisas porquê recusá-los? (Couturier & Régamey, 1965) (Imagem 8).

Assim, a afirmação da autonomia das artes não é absoluta. A dinâmica da criatividade artística é culturalmente contextualizada, ela opõe-se às dinâmicas de comercialização e de vaidade que afetam o mundo da arte, assim como à habituação e adormecimento da sensibilidade e do espírito que afetou, com poucas exceções, a arte das igrejas no século XIX e inícios de XX. Num plano mais fundamental, através das linguagens e da história das formas próprias de cada uma das artes, estas revelam-se como sendo “acerca” de qualquer coisa, representam, exprimem, comunicam uma abertura do homem à profundidade do real e ao seu mistério, dimensão religiosa em sentido lato. Esta perspetiva cria a possibilidade de contar com a colaboração dos artistas independentes para trabalhos na igreja. Mesmo que, do ponto de vista negativo a ambiguidade da arte obrigue a um exercício permanente de vigilância, do ponto de vista positivo as artes podem tornar-se um lugar de discernimento espiritual, ultimamente um lugar teológico. Do ponto de vista prático, apesar de não haver soluções *standard* para uma nova arte sacra, os artistas acabaram por pontualmente reinterpretar espiritualmente e de forma criativa os símbolos cristãos e produzir obras que elevam o espírito, apontam o mistério e favorecem as igrejas como lugares de oração pessoal e celebração comunitária. Esta conclusão a que chegam os padres dominicanos da revista *L'Art Sacré* é de algum modo corroborada desde um ponto de vista mais teórico, mas não menos em relação com a arte do seu tempo, pelo teólogo germano-americano Paul Tillich.



Imagem 8_ Sacrário da igreja de Assy,
George Braque; © SPADEM, 1983.

A DIMENSÃO RELIGIOSA DA ARTE NA SUA AUTONOMIA

A teologia da cultura e da arte de P. Tillich (1959; 1987) permite uma abordagem conceptual a partir das noções de “autonomia”, reivindicada pela arte moderna, e de “teonomia”, correspondente ao reconhecimento de uma dimensão espiritual da arte e da cultura em geral. Tillich ajuda-nos a ponderar o significado e alcance dessa autonomia, entre uma autonomia autossuficiente que conduz ao vazio de significado, e uma autonomia teónoma, que descobre a possibilidade da abertura das obras de arte, mesmo profanas, ou ditas “independentes”, a uma dimensão religiosa do real.

A autonomia da arte corresponde, segundo Hegel (1993), a um momento de maturidade na história do espírito e da cultura que, séculos depois da sua origem mitológica, põe fim à confusão e dependência entre arte e religião. A arte não é a religião e a religião não é a arte, o que não impede que a arte seja com frequência mediadora da experiência religiosa. Mas a autonomia da arte diz também da sua emancipação relativamente à regulamentação do belo e da verdade no sistema institucional das belas-artes e das religiões. A arte testemunha que a realidade que nela se exprime é essencialmente dinâmica e surpreendente, não se deixando limitar por convenções ou fórmulas confessionais, nem reduzir à subjetividade do artista. No entanto, a arte na sua autonomia, na sua autenticidade propriamente artística, está ultimamente referida a uma exigência de autenticidade criativa, a uma necessidade interior do artista em comunicar aquilo que nos solicita ultimamente enquanto humanos.

A AUTONOMIA TEÓNOMA DA ARTE

Se a “autonomia” da arte é aparentemente a causa do afastamento entre a arte e a religião, o conceito de “teonomia” faz-nos descobrir no coração mesmo dessa autonomia a sua abertura à transcendência. A “autonomia teónoma” da arte é assim a orientação que a “preocupação última” do homem lhe dá. A preocupação última, “*ultimate concern*” no

texto de Tillich (1987, p. 139; 2012) é um termo chave; significa aquilo que ultimamente nos interpela com maior profundidade existencial e nos interessa acima de tudo viver e comunicar, como uma abertura radical ao sentido da existência. Este conceito deriva do facto do teólogo não atribuir à religião apenas um significado confessional, mas também o significado originário de dimensão permanente da vida espiritual do homem, normalmente abafado pelo ruído do quotidiano, mas que constitui segundo ele, uma dimensão transversal a todas as funções do espírito e da cultura, pela qual se comunica a experiência do sagrado (Tillich, 1959, p. 11-18). Esta dimensão espiritual, que constitui o núcleo essencial da religião, mas também da cultura e das artes, exprime-se através do estilo, relação entre a forma e o conteúdo espiritual, mais que através da forma religiosa convencional. Tillich considera assim o estilo como o lugar da dimensão espiritual e religiosa da arte, independentemente de esta recorrer ou não ao potencial de sentido dos símbolos religiosos. O estilo exprime de algum modo a autenticidade e atualidade da forma. Muito resumidamente, esta perspetiva abre a possibilidade de novas convergências entre a arte moderna e as necessidades espirituais que a Igreja, aberta aos sinais dos tempos, espera da arte: não tanto catequese da imagem, mas manifestação do mistério. No entanto, Tillich considera também a possibilidade e valor de uma “dupla simbolização”, correspondente ao trabalho do estilo artístico sobre os símbolos religiosos, pela qual a dimensão espiritual da arte trabalha a linguagem religiosa nos seus diversos planos simbólicos: teológico, sacramental e litúrgico, aproximando-se assim do ideal de encarnação e teofania da arte litúrgica, onde culto e cultura se correspondem intimamente. A novidade permanente do símbolo religioso é afirmada pelo estilo de cada época, renovando a atualidade e, ao mesmo tempo, a vida do símbolo. De novo, não se dispensa um discernimento acerca da ambiguidade tanto da arte como do sagrado, como também não se dispensa o discernimento da orientação teónoma da arte com frequência subvertida em autonomia autossuficiente: a arte pela arte e a religião da arte enquanto sacralização da forma artística, ou em heteronomia idolátrica: o clericalismo e a sacralização da arte religiosa enquanto cristalização das formas da cultura religiosas.

AS METAMORFOSES DO SAGRADO



Até agora atribuímos a crise da arte sacra à procura por parte da arte moderna, da sua essência espiritual como emancipação relativamente aos símbolos particulares da religião institucional; uma procura portanto estilística e propriamente artística. No entanto, a problemática da arte sacra pede também uma análise crítica da noção do sagrado, na sua diversidade fenomenológica, evolução histórica da sua compreensão e complexidade filosófico-teológica. Na perspetiva da sociologia da religião o sagrado aparece como o aspeto mais primitivo e fundamental da religião definido como “separado” e “interdito” relativamente ao profano. O sentimento religioso da coletividade concentra-se num objeto separado, que se torna mediador da experiência do sagrado. Couturier observa dois aspetos que distanciam o sagrado na arte dos povos ditos primitivos da situação espiritual do Ocidente: por um lado a perda do sentido do simbólico na mentalidade técnica e racionalista ocidental; por outro a perda do sagrado enquanto uma realidade participada, transversal a toda a sociedade e unificada em torno a uma narrativa religiosa, da qual participam também os artistas (Cf. Couturier, 1970, p. 74). Na ausência destes pressupostos, a arte sacra cristã é afetada pela dificuldade de renovação da iconografia tradicional cristã. Guardando o valor e significado patrimonial de testemunho histórico da fé, mas não testemunha da atualidade da fé.

Dada ainda a diversidade das sensibilidades religiosas e modelos de relações entre o sagrado e o profano, entre o cristianismo e a cultura, própria da sociedade plural, mesmo no espaço da igreja católica, Régamey (1952, p. 353s) afirma a impossibilidade atual da noção de arte sacra nos mesmos moldes em que foi tradicionalmente concebida e conclui que um acordo suficientemente estável e alargado acerca da arte digna das igrejas não será possível tão cedo.

Por outro lado, em oposição à noção do sagrado como separação, Tillich recebe a noção do sagrado da fenomenologia da religião, através de R. Otto, para quem o sagrado é a experiência da transcendência que dá origem às religiões. Nesta perspetiva, hipoteticamente toda a realidade profana pode servir de mediação simbólica da experiência do sagrado.

Na realidade, um objeto significativo, uma obra de arte, uma situação dolorosa ou amorosa, uma noite de estrelas ou um símbolo religioso são-no de facto. Nestes casos, a mediação do sagrado não é convencional mas depende das qualidades intrínsecas dessa mediação, que no caso da arte implica a receção atenta das obras na sua singularidade e o discernimento da ambiguidade e qualidade espiritual e da noção do sagrado que veicula, desde o ponto de vista da comunidade cristã, isto é dos critérios da fé e da sua vivência atual.

Podemos assim perguntar-nos se há uma especificidade do sagrado em perspetiva cristã que nos ajude a pensar a arte como mediação do sagrado? Na tradição judaico-cristã, a lei, os profetas, as correntes da sabedoria vão convergindo na conceção do sagrado como abertura à transcendência de Deus indissociável da humanização do Homem. Teólogos como C. Geffré e Y. Blanchard dizem-nos que no Antigo Testamento “Deus não é o sagrado, mas o “Santo” que transcende a oposição entre o sagrado e o profano” (Geffré, 1974, p. 147). No Novo Testamento, a humanidade divina de Jesus, significa uma extrema simplificação do sagrado: “é toda a existência humana que é sagrada (...) Não podemos como em outras religiões, distinguir na vida do Homem a zona do religioso e do sagrado (...) e a zona da vida profana” (Geffré, 1974, p. 147). Yves Blanchard di-lo brevemente: o sagrado em regime cristão “já não separa, mas une” (2012, p. 44), é fundamentalmente comunhão.

Por um lado, a separação sagrado/profano gera hoje dualismos redutores da vida espiritual assim como clericalismos nas formas da vida em Igreja. Por outro lado, a simples identificação entre o sagrado e o profano, leva a que nada seja realmente percebido como sagrado, redução a um secularismo imediato sem encanto nem mistério. Donde a importância da dimensão sacramental da religião e da cultura, nos seus ritos, objetos, espaços e pessoas que, não se deixando sacralizar em si mesmos, guardam a capacidade simbólica de reenvio, capaz de revelar, tornar presente, criar a consciência de participação na profundidade sagrada da natureza, do humano, corpo e espírito, do cosmos e de Deus. Tais símbolos mediadores da profundidade da vida não se determinam, acolhem-se, e a arte enquanto expressão da relação à profundidade do real é indispensável a todos os níveis da linguagem religiosa e a sua dimensão poética participa da sacramentalidade da religião.

CONCLUSÃO: DA ARTE SACRA À SACRAMENTALIDADE DA ARTE



A arte não é sagrada nem em si mesma nem por convenção, mas é um domínio da cultura onde se exercita a atenção estética e a capacidade simbólica, a abertura antropológica e ontológica à profundidade do real. A dimensão sacramental das obras de arte substitui-se assim, a uma definição categorial de arte sacra, na medida em que as artes criam estratégias poéticas e simbólicas que tornam visíveis e presentes dimensões invisíveis da realidade.

Por outro lado, esta dimensão sacramental, tocada pela ambiguidade das artes, mas também das religiões é, no entanto, passível de um discernimento em perspectiva cristã. É possível um olhar cristão capaz de discernir a ambiguidade do sagrado e a qualidade artística e espiritual das obras de arte que não reduz em nada a sua autonomia e reconhece nela uma orientação teónoma. Quer dizer que certas obras de arte ditas “independentes” e aparentemente profanas são passíveis de uma convergência com as necessidades estéticas e espirituais da igreja, ao ponto de poderem participar ativamente na liturgia cristã e nos fazerem perceber que a dimensão poética e artística dos próprios ritos e símbolos participa plenamente na dimensão sacramental da liturgia.

Podemos concluir que a arte sacra, enquanto arte destinada ao culto cristão, no espaço das igrejas e num contexto de uniformidade cultural e religiosa que se deu até ao Barroco, sendo uma designação pertinente dos pontos de vista histórico e patrimonial, já não o é do ponto de vista da função estética e religiosa atual da arte nas igrejas. A crise moderna da arte sacra significa a tomada de consciência da transformação das condições sociais, artísticas e religiosas que sustentavam a arte sacra como uma solução reconhecida e generalizável a todas as comunidades e igrejas. No contexto de uma sociedade secularizada e plural não existem soluções definitivas e universais para o uso das artes nas igrejas. E no entanto, não deixam de existir soluções singulares, facto que Couturier designa por milagre da arte.

O reconhecimento de uma dimensão espiritual da arte na sua autonomia, abre a possibilidade de situações pontuais onde comunidades cristãs vivas, capazes de abrir a sua fé ao diálogo com a cultura e os artistas do seu tempo, possam resolver as necessidades da mediação artística de expressão de fé e da sua comunicação credível para o nosso tempo. Essas obras, a arquitetura de uma nova igreja, a depuração criativa de uma antiga capela, a reorganização de um espaço litúrgico de acordo com o espírito e a eclesiologia do Vaticano II, tornam-se assim, nos termos de Régamey, sinais visíveis da renovação da vida de fé da comunidade:

A depuração, a valorização, as criações dignas da igreja seriam como os sacramentos sinceros da duma nobreza espiritual. Sinceros à maneira como os sacramentos devem ser sinais de uma vida que já existe e dá testemunho de si; sinceros também porque como os sacramentos são meios de crescimento [...]
Belas obras de arte importam pouco se não são assim como sacramentos humildes da vida cristã da comunidade. (Régamey, 1952, pp. 413-419)

A arte sacra enquanto categoria artística objetiva parece dar lugar à noção de sacramentalidade da arte como expressão da vitalidade espiritual e cultural de comunidades cristãs concretas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Blanchard, Y.-M. (2012). Existe il sacro nel Nuovo Testamento?. In G. Boselli (ed.), *Ars liturgica: L'arte al servizio della liturgia* (pp. 27-56). Magnano: Qiqajon.
- Comissão Episcopal Francesa (1952). *Directives de la Commission Épiscopale pour la pastorale, la liturgie et l'art sacré*, 28 de abril.
- Couturier, M.-A., & Régamey, P.-R. (1965). *Dieu et l'art et dans une vie*. Paris: Editions du Cerf.
- Couturier, M.-A. (1970). *L'Évangile est à l'extrême. Disloquer les structures mentales dans l'église*. Paris: Editions du Cerf.
- Couturier, M.-A. (1981). L'appel aux maîtres de l'art moderne. In M. Billot (ed.), *Paris-Paris 1937-1957*.
- [Catálogo da exposição] (pp. 196-205). Paris: Centre Pompidou.
- Geffré, C. (1974). Le christianisme et les métamorphoses du sacré. In E. Castelli (ed.), *Le sacré. Études et recherches: actes du Colloque*. Paris: Aubier.
- Hegel, G.W.F. (1993). *Estética*. Guimarães: Guimarães editores.
- Pio XII, (1952). *Alocução aos artistas italianos por ocasião da VI quadrienal de Roma*, 8 de abril.
- Régamey, P.-R. (1952). *Art sacré au XXe siècle?* Paris: Editions du Cerf.
- Régamey, P.-R. (1952). Bilan d'une querelle, *L'Art Sacré*, (9-10) 29-31.
- Santo Ofício, Instrução sobre a arte sacra, 30 de junho de 1952.
- Tillich, P. (1959). *Théologie de la culture*. Paris: Denoël/Gonthier.
- Tillich, P. (1987). *On art and architecture*. Nova Iorque: Crossroad.
- Tillich, P. (2012). *Dynamique de la foi*. Genebra: Labor et Fides.